

## Pernambuco embarca rumo ao tenentismo: a experiência do 21º batalhão de caçadores

---

Andreza Maynard<sup>1</sup>

**Resumo:** A revolta militar iniciada no dia 5 de julho de 1924 em São Paulo integrou o ciclo de levantes tenentistas. Várias unidades do Exército foram mobilizadas para conter os rebeldes paulistas, inclusive o 21º Batalhão de Caçadores (21º BC), sediado em Pernambuco. A tropa se preparava para seguir para São Paulo quando estourou uma revolta militar com os mesmos ideais em Sergipe. Os praças e oficiais do 21º BC foram designados para conter a insurreição no estado mais próximo. Havia grande expectativa em torno do desempenho dos militares pernambucanos. Embasado pela História Cultural, este artigo analisa o envolvimento de Pernambuco com o tenentismo a partir das notícias publicadas pelo *Diário de Pernambuco* e *Jornal da Tarde*, entre julho e agosto de 1924.

**Palavras-chave:** Tenentismo, Pernambuco, Revolta em 1924.

### Pernambuco boards towards tenentismo: the experience of the 21 battalion of hunters in 1924

**Abstract:** One military revolt began on July 5, 1924 in São Paulo and integrated the cycle of lieutenants uprisings, what is named by Brazilian historiography as “Tenentismo”. Several Army units were mobilized to contain the rebels São Paulo, including the 21th Battalion of Hunters (21 BC), located in state of Pernambuco (Brazil). The troop was preparing to go to São Paulo when a military revolt broke out with the same ideals in state of Sergipe (Brazil). Enlisted men and officers of 21 BC were designated to contain the uprising in the next state. There were great expectations about the performance of Pernambuco military. Based upon the cultural history, this article analyzes the engagement of Pernambuco with the Tenentismo from the news published by the *Diário de Pernambuco* and *Jornal da Tarde*, between July and August 1924.

**Keywords:** Tenentismo, Pernambuco, Revolt in 1924.

Artigo recebido em 21/02/2014 e aceito em 23/02/2014.

*Chegou a misturar de tal modo o passado com a atualidade que nos dois ou três clarões de lucidez que teve antes de morrer ninguém soube ao certo se falava do que sentia ou do que record<sup>II</sup>*

No dia 5 de julho de 1924 eclodiu uma revolta militar em São Paulo com os mesmos ideais que motivaram os jovens oficiais do Exército em 1922. A novidade não tardou a se espalhar por outros estados. No Recife os jornais comunicaram sobre o que havia acontecido na capital paulista. O *Diário de Pernambuco* noticiou o fato no dia seguinte ao ocorrido, domingo, 6 de julho. Já o *Jornal do Recife*, destacou o acontecimento na primeira página da edição do dia 7 de julho. Embasado pela História Cultural, este artigo analisa o envolvimento de Pernambuco com o tenentismo a partir das notícias publicadas pelo *Diário de Pernambuco* e *Jornal da Tarde*, entre julho e agosto de 1924.

Os jornais tinham objetivos jornalísticos (compromisso em divulgar notícias), comerciais (necessidade de que os exemplares fossem vendidos), mas também integravam as estruturas do poder político local (que prezava pela imagem positiva do estado). Ao longo dos anos estudando periódicos, Tania Regina de Luca chama a atenção dos pesquisadores para a importância da imprensa em diferentes momentos da história nacional. A historiadora afirma que “a discussão em torno do estatuto do que se publica na imprensa periódica já foi – e continua sendo – objeto de acirradas polêmicas”.<sup>III</sup> O conteúdo das publicações dos jornais pernambucanos mencionados no parágrafo anterior trazia informações variadas, sobretudo aqueles acontecimentos que interferiam diretamente no cotidiano dos recifenses.

A notícia do levante militar iniciado em São Paulo não chegou a causar sobressaltos no Recife. O cotidiano da cidade não foi abalado. E já que não havia muito que fazer com relação a São Paulo, restava aos moradores aproveitar a vida cultural na capital pernambucana. Os teatros, por exemplo, investiam na divulgação das suas programações, esperando lotar os auditórios durante a exibição dos espetáculos. Assim, o Teatro Moderno, localizado à Praça Joaquim Nabuco, anunciou para o dia 7 de julho “a continuação do sensacional filme em séries ‘Vinte anos depois’ em seguimento ao inesquecível romance histórico de Alexandre Dumas ‘Os três mosqueteiros’”.<sup>IV</sup>

Pelo anúncio publicado pelo *Jornal do Recife*, é possível perceber que o Teatro Moderno também exibia filmes. Essa era uma prática comum a esses espaços no início do século XX. Muitos edifícios construídos inicialmente para funcionarem como teatros acabaram se adaptando às exibições cinematográficas, bastando para isso a colocação de uma tela sobre o palco. Esses estabelecimentos também eram chamados de cineteatros.<sup>V</sup>

Tal qual o povo de Macondo, da estória contada por Gabriel García Márquez<sup>VI</sup> que se maravilhava diante das imagens vivas, projetadas pelo comerciante Bruno Crespi, muitos recifenses admiravam-se com a novidade das exibições cinematográficas no início do século XX. É bem verdade que alguns se sentiam enganados, como em Macondo, quando um personagem morria num filme e aparecia vivo noutra. Nos anos 1920 o cinema era uma das atrações culturais mais concorridas da capital pernambucana e nem mesmo a notícia da revolta em São Paulo atrapalhou a frequência a esses espaços. Como foi dito, o cotidiano do recifense permanecia inalterado. Já o recifense, por vezes, se alterava.

ANDREZA MAYNARD

No mesmo dia em que o *Jornal do Recife* comunicou o levante em São Paulo, mencionou também a briga entre duas meretrizes. O periódico informava que

À madrugada de hoje, as meretrizes Minervina Maria da Silva e Joaquina Antonia da Conceição, residentes em uma casa de cômodos à rua das Laranjeiras por motivos de ciúmes, travaram forte polêmica que degenerou em luta.

Joaquina que se encontrava armada com um garfo, no furor da peleja, o cravou, por duas vezes, no tórax de sua adversária, cujos ferimentos são de natureza leve.

Comunicado o ocorrido a polícia, esta compareceu ao local, efetuando em flagrante a prisão da delinqüente.

Joaquina, após ter sido autuada na subdelegacia de Santo Antonio, pela respectiva autoridade, sr. Luiz Beltrão, foi mandada para a Detenção.

A sua vítima esteve no posto da Assistência Pública, onde recebeu o tratamento necessário<sup>VII</sup>.

De acordo com a notícia, o ciúme motivou a discussão e a luta corporal. O fato das mulheres serem meretrizes, e receberem dinheiro em troca de “favores” sexuais, não implicavam na perda da capacidade de sentir emoções. Ainda que os requintes do amor fossem comercializados, elas eram, antes de tudo, mulheres. Mas apesar da insistência em sentir ciúmes, esse era um sentimento pouco requisitado pelos clientes que as procuravam. Eles estavam mais interessados em outras habilidades que a profissão as conferia.

Como meretrizes essas mulheres estavam sujeitas a serem objetos de desejo, não de amor. Os clientes que as procuravam não estavam preocupados em cuidar delas. Sobre isso o sociólogo Zygmunt Bauman lembra que “em sua essência, o desejo é um impulso de destruição”, enquanto que “o amor, por outro lado, é vontade de cuidar, e de preservar o objeto cuidado”<sup>VIII</sup>.

Voltando à briga, uma das mulheres atingiu, mais de uma vez, a rival com um garfo. Na profissão de Minervina, era preciso habituar-se a ter o corpo invadido, às vezes com violência, tal qual o garfo que insistia em penetrar-lhe, mesmo contra sua vontade. Sabe-se lá de quantos ferimentos, alguns leves, outros profundos, Minervina precisou se recuperar diariamente. Assim seguiam Minervina, Joaquina e tantas outras em meio a instrumentos que continuavam a ferir.

Curiosamente, o utensílio em questão, um garfo, deveria denotar civilidade, mas foi utilizado justamente para dar mostras do afloramento dos instintos humanos, exatamente o contrário do que representava o objeto utilizado na agressão. Em “Cem anos de solidão” (2006), havia uma personagem que empregava os garfos de forma impecável. Quando Fernanda passou a morar na casa dos Buendía, tratou logo de estabelecer as convenções em torno da alimentação, inclusive a utilização correta dos talheres. A moça “acabou com o costume de comer na cozinha e quando cada um tinha fome, e impôs a obrigação de o fazer em horas certas, na mesa grande da sala de jantar arrumada com toalhas de linho e com os candelabros e a baixela de prata”<sup>IX</sup>. Enquanto isso, na vida real Joaquina, a meretriz recifense, nem de longe se lembrou dos códigos de etiqueta ao segurar o garfo utilizado na peleja contra Minervina.

E não eram apenas as representantes do “belo sexo” que gostavam de empregar talheres para finalidades diversas. No mesmo dia em que Minervina e Joaquina se agrediram, e quase no mesmo horário, os indivíduos Manoel José Nóbrega e Severino Antonio dos Prazeres estavam na Rua da Palma e “por motivos de pouca monta”

resolveram dar mostras de virilidade lutando um contra o outro. Manoel teve “duas grandes contusões no tórax e couro cabeludo, feitos a faca, pelo seu antagonista”<sup>X</sup>.

Além de relatar a vida cotidiana no Recife, a notícia destacava a competência do subdelegado e da assistência pública. A nota alerta a população de que as autoridades estavam atentas ao que acontecia nas ruas do Recife, pois ambos os incidentes ocorreram de madrugada e, mesmo assim, tudo foi resolvido.

De certa maneira, essas notícias favoreciam a imagem do governo de Pernambuco, uma vez que evidenciam a eficácia da polícia e da assistência pública. Bastava-se esquecer do motivo pelo qual as autoridades foram acionadas e a administração pública poderia gabar-se de ter uma propaganda positiva. De acordo com o historiador Antonio Paulo Rezende<sup>XI</sup>, o governador de Pernambuco à época, Sérgio Loreto, investiu em saneamento e infraestrutura, justamente para mudar o aspecto físico do estado e, principalmente da capital. Mesmo preocupado com a urbanização do Recife, o governador precisou dedicar alguma atenção aos acontecimentos em São Paulo, pois recebeu um telegrama do Governo Federal, informando sobre o levante militar na capital paulista<sup>XII</sup>

No Recife, o tenentismo chegava apenas por meio de notícias. Fiel à ordem e à legalidade, o estado de Pernambuco se colocou ao lado do Governo Federal. Este, passados alguns dias, ainda não havia conseguido conter os revoltosos paulistas. A solução encontrada foi solicitar reforços, inclusive em Pernambuco. O 21º Batalhão de Caçadores (21º BC), a força do Exército organizada no estado, deveria preparar-se para embarcar para São Paulo.

O 22º Batalhão de Caçadores (22º BC), tropa do Exército sediada na Paraíba, que também deveria seguir para São Paulo, chegou ao Recife a bordo do Baependy, no qual também deveriam embarcar os praças pernambucanos sem maiores sobressaltos. Mas um acontecimento como esse não poderia passar despercebido. O embarque do 21º BC deu-se mediante pranto e muita tristeza. O *Jornal do Recife* noticiou assim o embarque do 21º BC

Hoje, à hora em que estivemos no quartel do 21 B.C., às 11 e 20, presenciamos uma cena que muito nos comoveu.

À praça do Hospício, onde demora o quartel, um numeroso grupo de mulheres de todas as idades, algumas trazendo à mão tenras criancinhas, entre lágrimas, a soluçar, ali, se achava postadas, dando o último adeus aos invictos soldados do 21.

Eram mães, irmãs, e noivas que se despediam dos seus, traduzindo nas lágrimas a expressão mais sincera da saudade<sup>XIII</sup>.

A cena desenhada pelo periódico é de completa desolação por parte das pessoas, que acompanhavam os militares pernambucanos. A dramaticidade com que o autor da nota descreve a partida do 21º BC não poderia ter melhores coadjuvantes do que mulheres tristes e chorosas. Afinal de contas, nada mais comovente e constrangedor do que as mulheres aos prantos, e soluçando, que davam o “último adeus” aos seus filhos, pais, irmãos, noivos.

As lágrimas femininas já traduziam saudade, mas tinham diferentes motivações. As mães consternadas com medo de perder seus filhos, as irmãs que recordavam saudosamente brincadeiras de infância. Mas as noivas deveriam estar realmente preocupadas. Depois de todo o trabalho que elas tiveram para conseguir um pretendente com intenções sérias a ponto de casar, toda essa situação era, no mínimo, desanimadora.

Definitivamente os revoltosos paulistas eram inimigos, tanto dos praças quanto de suas respectivas noivas. E a falta de esclarecimento atemorizava ainda mais, pois a população não tinha notícias precisas sobre o que estava acontecendo em São Paulo, sobre a atuação do 21º BC, e nem tão pouco havia previsão de quando, e se, eles retornariam ao Recife.

O jornal se preocupou em descrever a emoção e fragilidade das mulheres que se despediam, mas por outro lado não deixou de ressaltar a virilidade, bravura e destemor dos homens ao mencionar que os soldados do 21º BC eram invictos. E ser invicto significa ser melhor, não perder, ganhar sempre. Esse foi o perfil atribuído aos pernambucanos que estavam sendo enviados para São Paulo. Afinal de contas, não ficaria nada bem afirmar que os praças pernambucanos estavam com medo. Tal sentimento cabia melhor ao “sexo frágil”.

A cena do embarque do 21º BC pode ter sido realmente emocionante, mas a tropa não partiu para São Paulo. Ainda assim a notícia da “partida” da tropa teve destaque na primeira página da edição do dia 15 de julho do *Jornal do Recife*. Nessa mesma edição, o periódico noticiou, embora com menor entusiasmo, que havia sido decretado Estado de Sítio por 60 dias para os estados da Bahia e Sergipe. O motivo? Mais um levante militar incitado por oficiais do Exército.

Os jornais pernambucanos se preocuparam tanto com o que estava acontecendo em São Paulo e não se deram conta de que, num estado quase vizinho, os ideais tenentistas ganharam tanto espaço a ponto de um grupo de oficiais terem conseguido depor o governador de Sergipe Maurício Graccho Cardoso, tomar todos os poderes legais constituídos e passarem a governar por meio de uma junta militar formada pelos próprios revoltosos.

O levante foi iniciado no 28º Batalhão de Caçadores (28º BC – tropa do Exército sediada em Sergipe), em Aracaju, durante a madrugada do dia 13 de julho de 1924, tendo sido liderada pelo capitão Eurípedes Esteves de Lima e os tenentes Augusto Maynard Gomes, João Soarino de Mello e Manoel Messias de Mendonça<sup>XIV</sup>. Tal qual o governador de Pernambuco, o governador de Sergipe também havia declarado seu apoio ao Governo Federal, tendo inclusive disponibilizado o envio de um contingente do 28º BC para conter os rebeldes em São Paulo.

A revolta no 28º BC surpreendeu à maioria e não estava nos planos das autoridades sergipanas. Curiosamente, nem mesmo os insurretos paulistas esperavam por isso. Em 1924 ficou acertado que se insubordinariam unidades militares nos estados de “São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso”.<sup>XV</sup>

São Paulo foi importante enquanto foco inspirador. A partir do exemplo paulista, outras unidades militares se rebelaram em diferentes regiões do país. Cronologicamente, depois da revolta de 5 de julho em São Paulo, ocorreram levantes em Sergipe, 13 de julho; Amazonas, 23 de julho; Santo Ângelo (RS), 24 de outubro e no encouraçado São Paulo, 4 de novembro<sup>XVI</sup>.

Diante da falta de informações precisas, ou talvez para dar um caráter mais amplo à revolta militar ocorrida no Nordeste, os periódicos do Recife se referiam inicialmente à necessidade de enviar tropas para os estados da Bahia e de Sergipe, com o objetivo de conter a insurreição. Na capital pernambucana, o 21º BC e 22º BC estavam prontos para seguir para São Paulo, mas diante dos últimos acontecimentos, a viagem foi suspensa. Os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife* informavam que os batalhões da Paraíba e de Pernambuco haviam recebido ordens para seguir em

direção a Sergipe e Bahia. Contudo, a revolta se restringia apenas a Sergipe e foi para lá que as tropas do 21º BC e 22º BC seguiram no fim das contas.

Como o perigo dos levantes militares estava num estado mais próximo, foi preciso tomar medidas para prevenir possíveis confusões no Recife. O feito dos militares sergipanos atrapalhou até mesmo a boemia do Recife. Os notívagos formavam mais um bloco contra revoltosos, pois tiveram sua diversão e trabalho interrompido. Na noite do dia 14, mesma noite em que foi noticiada a revolta militar em Sergipe, os cafés do Recife “fecharam antes da hora do costume, como medida preventiva tomada pelas autoridades”<sup>XVII</sup>. E como se não bastasse a implicância do governo para com os cafés recifenses, havia dado ordens para que, mais uma vez, o 21º BC se preparasse para embarcar. O Baependy ficou retido no porto aguardando ordens para partir levando os militares.

No dia 17 de julho o 21º BC deveria estar pronto para embarcar mais uma vez. Desta feita o embarque seria ainda mais recheado de emoções, graças a um desfile militar realizado antes da subida da tropa no navio. Os militares do 21º BC começaram a chegar no “velho quartel do hospício” antes das 10 horas e iam se apresentando para o embarque. Às 13h foi dado o “toque de impedido” e a tropa dispersou pelo quartel, aguardando a ordem. Grande número de pessoas esperava no largo do hospício para se despedir dos soldados.

Às 14h40min o comandante major Barros Barreto ordenou e o cabo corneteiro tocou para reunir a tropa. Os homens desfilaram a meia marcha. E “à proporção que o batalhão avançava, mais engrossava a onda popular, crescendo o entusiasmo que por vezes culminou em delírio”, descrevia o *Jornal do Recife*. O itinerário começou pelo largo do Hospício, depois o batalhão seguiu pelas “ruas do mesmo nome, Imperatriz, ponte da Boa Vista, Rua Nova Sigismundo Gonçalves, Praça da Independência, ruas 1º de Março e Imperador”<sup>XVIII</sup>. Depois disso continuaram a marchar.

O embarque ocorreu com dificuldade, aproximadamente às 16h15min, pelo portão das Docas que dava acesso ao armazém 8, onde estava atracado o Baependy. A direção das Docas havia proibido a entrada de pessoas antes do embarque do 21º BC. Dez guardas civis e numerosos soldados da polícia se encarregaram de fazer obedecer a essa ordem. Tudo corria conforme havia sido planejado, até que as pessoas perceberam que o portão continuava fechado após o embarque do 21º BC. Sendo assim, a aproximação para a despedida final tornava-se inviável. Diante dos protestos, a guarda civil começou a empurrar o povo usando palavras obscenas.

A manifestação popular foi acompanhada pelo 22º BC que estava no tombadilho do Baependy. O inspetor da guarda civil estava no armazém 8 com algumas pessoas e os guardas continuavam a usar cassetetes para espancar a população. Depois disso, o povo correu em todas as direções e os protestos continuaram. Enquanto o tenente Cleto Campelo continha os guardas insubordinados, o comandante major Barros Barreto conseguiu que os portões fossem abertos e a população entrou no interior das Docas.

Três pessoas saíram feridas, dentre elas estavam “os menores Paulo Nascimento da Silva, com ligeiras escoriações pelo corpo; Roberto Pereira, com pequena contusão no braço e Mario Drumont, com um ferimento no couro cabeludo”. O último foi medicado pela assistência pública no posto policial do Recife, os outros foram para suas casas. Várias pessoas acusaram o guarda n.229 de ferir Mario Drumont. Muitos guardas sacaram suas armas, “tendo se sobressaído pela sua maneira incorreta e estúpida o civil n.62”<sup>XIX</sup>, declarava um dos presentes.

As últimas despedidas foram feitas depois que os soldados deixaram as armas no Baependy e retornaram a terra. Na narrativa feita pelo *Jornal do Recife*, mais uma vez o

periódico descreveu a cena do embarque com uma dose de consternação capaz de comover os leitores. De acordo com o jornal, nesse momento

soldados à flor da idade, beijavam as faces enrugadas das mães debulhadas em prantos; criancinhas mal sabendo o destino que a sorte reservava aos pais, alegres, felizes, afagavam os rostos destes; amigos nervosos, trêmulos alguns, apertavam as mãos dos soldados, desejando “boa viagem e feliz regresso”<sup>XX</sup>.

A cena do embarque se repetia. E o choro feminino também. O navio partiu exatamente às 17h15min e aportou às 19h a certa distância das Docas. Às 20h chegou um comunicado de que o Baependy deveria suspender a partida até ulterior deliberação. Como a embarcação não seguiu viagem, vários oficiais e praças foram para a terra, passear na cidade. Depois disso os homens retornaram ao Baependy e dessa vez o 21º BC realmente seguiu junto com o 22º BC com destino a Sergipe, para ficar à disposição do General Marçal Nonato de Faria, chefe da 6ª Região Militar (que compreendia os estados da Bahia, Sergipe e Alagoas), que havia sido designado para comandar as operações em Sergipe, bem como para ser o executor do Estado de Sítio.

Uma vez embarcado o batalhão, as expectativas eram grandes em torno da volta, mas também da sua atuação em Sergipe. No entanto, a falta de notícias sobre os militares pernambucanos aumentava a inquietação entre familiares e amigos que moravam no Recife. Nesse interregno os boatos corriam soltos por toda a cidade. Sabia-se que o 21º Batalhão de Caçadores esteve no porto da Bahia, depois foi para Estância (SE), e de lá foram enviadas as últimas notícias da tropa que chegaram ao Recife. E enquanto os parentes não conseguiam se comunicarem com os praças, os boatos confortavam, ou inquietavam ainda mais, os familiares em Pernambuco, pois

Diz-se nas ruas que os soldados pernambucanos entraram em combate com os revoltosos de Sergipe, que foram dizimados, que desapareceram... Isto diz-se nas ruas, anda de boca em boca, impiedosamente, levando aos corações das famílias que têm seus parentes naquela corporação militar, a dúvida, a incerteza, a dor, o desespero e a agonia.<sup>XXI</sup>

As famílias preocupavam-se cada vez mais diante da ausência de boas notícias. Na verdade, ressentiam-se da falta de qualquer tipo de novidade. E, se não havia qualquer confirmação por parte das fontes oficiais, o disse-me-disse das ruas se encarregava de dar alguma satisfação sobre os praças pernambucanos. De acordo com a nota oficial do governo de Alagoas, transcrita pelo *Diário de Pernambuco* em 3 de agosto de 1924, “coube às forças de Alagoas o primeiro contato com os revoltosos”<sup>XXII</sup>. Até aí tudo bem. O problema é que a nota informava que dois soldados da força alagoana foram feridos. E quanto aos praças pernambucanos? O que estaria acontecendo com eles? No Recife os boatos ganhavam novas cores. A cada vez que a história era contada, tornava-se mais espantosa, com detalhes mais alarmantes, maior número de mortos e feridos pelos heróis pernambucanos.

O governador do estado e o comando da região eram os únicos que poderiam dar, com exatidão, novas sobre os soldados do 21º BC. Entretanto, os dias passavam e não havia nenhuma novidade sobre o retorno do 21º de Caçadores. Até que um praça do 21º BC enviou um telegrama ao seu pai, escrivão da subdelegacia de Santo Antonio. De acordo com a missiva, o 21º BC estava em Estância na mais perfeita paz. Mas nem

mesmo essa informação conseguiu tranquilizar as famílias pernambucanas, pois o *Diário do Estado* afirmava que o general Marçal estava à frente de “vários batalhões e logo forçarão os rebeldes à rendição evitando o derramamento de sangue e tiros”. E ainda, que “Em Aracaju falta tudo, os recursos estão esgotados, os rebeldes não têm por onde fugir”<sup>XXIII</sup>.

Eis o grande impasse: um telegrama informando que o batalhão estava numa cidade afastada da capital, onde, provavelmente, aconteceriam as batalhas, e outra informação do *Diário do Estado*, transcrito pelo *Jornal do Recife*, garantindo que as tropas legalistas procurariam intimidar os revoltosos e forçá-los à rendição para evitar o derramamento de sangue. E o pior de tudo é que nenhuma dessas fontes confirmava as versões das histórias que circulavam no tête-à-tête das ruas do Recife. Havia questionamentos acerca de qual a glória de estar em paz ou esperando a rendição dos revoltosos sem luta.

A população do Recife queria seus homens de volta, e, de preferência, com os uniformes sujos de sangue, de sangue dos opositores. No dia 4 de agosto de 1924 uma nota do *Jornal do Recife* afirmava que o 21º BC estava a salvo, mas que a tropa deveria participar do ataque aos revoltosos. Indignado com a afirmação do *Diário do Estado*, o *Jornal do Recife* alegava que estava havendo um choque de notícias

porque não é crível que um batalhão que se foi daqui para formar junto aos que velavam e velam pelos poderes legalmente constituídos, pela magna carta da República, fique veraneando na cidade de Estância, de armas ensarilhadas e pernas cruzadas docemente, como quem seisma ao ar reconfortante do interior.

Ou a razão está do lado do telegrama que recebeu o escrivão de polícia, ou do lado do ‘Diário do Estado’.

Um, proclama a paz, o outro, prediz a guerra.

Em qual dos dois acreditarmos?

Sempre as notícias desencontradas!...<sup>XXIV</sup>

O autor do texto jornalístico afirmava que certamente o 21º BC entraria no combate corpo a corpo com os revoltosos, porque não considerava admissível que os soldados pernambucanos ficassem em Estância, como se estivessem em férias. O jornalista expressava seu desejo de que os pernambucanos entrassem no conflito. Sequer foi mencionada a possibilidade de haver uma rendição ou acordo de paz e os pernambucanos voltarem sãos e salvos. Era preciso que os pernambucanos usassem suas armas e voltassem para seu estado relatando experiências de vitória, heroísmo e bravura.

Contrariando as expectativas dos jornais pernambucanos, os últimos rebeldes sergipanos se renderam na noite de dois de agosto. Dois dias depois o governador de Sergipe foi reempossado. Tudo voltava a ser como antes. Os poderes legais constituídos foram restituídos e aos poucos os envolvidos com a revolta eram presos. Ainda no dia 4 de agosto, o 21º BC passou a se aquartelar no prédio do 28º Batalhão de Caçadores e recebeu ordens do General Marçal Nonato de Faria para que retornasse ao Recife.

Os 295 praças e 8 oficiais voltariam a ver o Rio Capibaribe, a animação dos blocos carnavalescos e ouvir o barulho das buzinas dos carros que circulavam no centro do Recife. Ao retornarem à terra natal teriam a felicidade de reencontrar familiares e amigos curiosos para ouvir as histórias fascinantes que os praças certamente contariam aos montes. Oficialmente não houve baixas na tropa pernambucana. Mas o comandante



do 21º BC, tenente-coronel Toscano de Britto, usou um tom empolgante para descrever um episódio da passagem dos militares pernambucanos por Sergipe, por meio de um telegrama enviado ao Governador Sergio Loreto. De acordo com Toscano de Britto

terminou movimento revolucionário de Sergipe devido a ação enérgica e decisiva do 21º BC, que reagindo ao ataque dos revoltosos, no lugar Água Bonita, a dois quilômetros Itaporanga, primeiro reduto do inimigo, por espaço de quinze minutos, obrigou-os bater em retirada com grande pânico entre eles abandonando as posições. O 21º BC, cujos filhos pertencem ao Estado que v.exe. tão dignamente preside, portou-se com grande intrepidez e denodo<sup>xxv</sup>.

Assim como Félix Ventura, o fabricante de sonhos descrito por José Eduardo Agualusa<sup>xxvi</sup>, o oficial ofereceu um passado quase encomendado ao governador de Pernambuco. O discurso do tenente-coronel Toscano de Britto é uma constatação da eficiência e heroísmo da tropa pernambucana. E o *Diário de Pernambuco* fez questão de destacar o relato do militar na primeira página do periódico.

É bem verdade que o oficial esqueceu-se de mencionar a participação de tropas do Exército e da Polícia baiana, de tropas do Exército e da Polícia alagoana, da tropa do Exército paraibana, do Batalhão organizado por Heráclito Brito e do Batalhão do Barão de Santa Rosa (coronéis do interior sergipano). O relato do tenente-coronel Britto não encontra confirmação em outros documentos produzidos à época, como por exemplo, o relatório escrito pelo próprio Marçal Nonato de Farias, que liderava as operações em Sergipe.

Numa análise rápida do relato do tenente-coronel Britto surge a dúvida se realmente era necessário tanta coragem para atacar meia dúzia de revoltosos mal armados em Água Bonita, distante dois quilômetros de Itaporanga, que, por sua vez dista 20 quilômetros de Aracaju, onde estavam os líderes da revolta e um número expressivo de praças ao seu comando. O 21º BC só entrou em Aracaju dia 4 de agosto, dois dias depois que os revoltosos haviam se rendido, ou fugido. E embora o papel de destaque que o tenente-coronel Toscano de Britto conferiu ao 21º BC merecesse alguns reparos, os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal da Tarde* acolheram esse relato e lhe deram o destaque que achavam justo.

A revolta em Sergipe chegou ao fim no dia 2 de agosto de 1924, quando os rebeldes se renderam. Nesse mesmo dia à noite as tropas que defendiam a retomada da legalidade já entravam em Aracaju. A tropa do 21º BC chegou à capital sergipana no dia 4 e permaneceu em Aracaju até o dia 20 de agosto. Nesse dia, os militares pernambucanos entraram no vapor Itaipava às 3h da tarde e partiram rumo ao Recife. Mas antes do embarque “o 21º de Caçadores, equipado, desfilou galhardamente pelas ruas desta capital, acompanhado de crescido número de pessoas”<sup>xxvii</sup>.

Assim, o envolvimento de Pernambuco com o tenentismo não poderia ter sido mais profícuo para o governo do estado. Mais uma propaganda positiva em favor da administração de Sérgio Loreto. Pernambuco não só manteve-se a favor do Governo Federal, como também esteve do lado vitorioso na luta contra os revoltosos sergipanos, ainda que houvesse exageros nos relatos sobre a participação do grupo na campanha militar.

No mais, as notícias publicadas nos jornais e as histórias que circulavam pela cidade não eram favoráveis à revolta militar, que, aliás, não chegou a arregimentar simpatizantes expressivos no Recife. Na verdade, os motivos da revolta em Sergipe e a

descrição sobre o levante tenentista de 1924 importavam pelo envolvimento de Pernambuco com a insurreição. Assim, os elogios dos periódicos se dirigiam ao governo de Sergio Loreto e ao desempenho do 21º BC. Quanto aos praças e oficiais que estavam de volta ao Recife, lhes restava aumentar o orgulho de familiares e amigos a cada vez que contassem do que lembravam ou do que sentiam em relação à experiência militar vivenciada em Sergipe.

## Notas

<sup>I</sup>Doutora em História pela UNESP. Pós-Doutoranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ). Autora do livro “A caserna em polvorosa: A revolta de 1924 em Sergipe”. Integrante do GET/UFS/CNPq.

<sup>II</sup>MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 60 ed. Trad. Eliane Zagury; Ilust. Carybé. Rio de Janeiro: Record, 2006. p. 325.

<sup>III</sup>LUCA, Tania Regina de. Fontes Impresas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 139.

<sup>IV</sup>LUCA, Tania Regina de. Fontes Impresas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 139.

<sup>V</sup>Sobre a estrutura dos cineteatros no início do século XX Cf. MAYNARD, Andreza S. C. **De Hollywood a Aracaju: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História e Sociedade. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis/SP, 2013.

<sup>VI</sup>MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 60 ed. Trad. Eliane Zagury; Ilust. Carybé. Rio de Janeiro: Record, 2006.

<sup>VII</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 7 de julho de 1924, p.1.

<sup>VIII</sup>BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.24.

<sup>IX</sup>MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 60 ed. Trad. Eliane Zagury; Ilust. Carybé. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 204.

<sup>X</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 7 de julho de 1924, p.1.

<sup>XI</sup>Para uma descrição mais detalhada sobre a revolta militar ocorrida em Sergipe, em 1924, Cf. MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A caserna em polvorosa: A revolta de 1924 em Sergipe**. São Cristovão: Ed. UFS, 2012.

<sup>XII</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 7 de julho de 1924, p.1.

<sup>XIII</sup>JORNAL DO RECIFE (Edição da Tarde). Recife, 15 de julho de 1924, p.1

<sup>XIV</sup>Para uma descrição mais detalhada sobre a revolta militar ocorrida em Sergipe, em 1924, Cf.

MAYNARD, Andreza Santos Cruz. **A caserna em polvorosa: A revolta de 1924 em Sergipe**. São Cristovão: Ed. UFS, 2012.

<sup>XV</sup>Sobre os projetos de urbanização do Recife na década de 1920 ver REZENDE, Antonio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

<sup>XVI</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 7 de julho de 1924, p.1.

<sup>XVII</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 15 de julho de 1924, p.1.

<sup>XVIII</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 17 de julho de 1924, p.2.

<sup>XIX</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 17 de julho de 1924, p.2.

<sup>XX</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 17 de julho de 1924, p.2.

<sup>XXI</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 2 de agosto de 1924, p.2.

<sup>XXII</sup>DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 3 de agosto de 1924, p.1.

<sup>XXIII</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 4 de agosto de 1924, p.1.

<sup>XXIV</sup>JORNAL DO RECIFE (edição da tarde). Recife, 4 de agosto de 1924, p.1.

<sup>XXV</sup>DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Recife, 6 de agosto de 1924, p. 1.

<sup>XXVI</sup>AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.

<sup>XXVII</sup>DIÁRIO DA MANHÃ. Aracaju, 20 de agosto de 1924, p.1.

**Referências Bibliográficas:**

- AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CARONE, Edgard. **O tenentismo**: acontecimentos, personagens, programas. São Paulo: DIFEL, 1975.
- LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. 60 ed. Trad. Eliane Zagury; Ilust. Carybé. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- MAYNARD, Andreza S. Cruz. **A caserna em polvorosa**: A revolta de 1924 em Sergipe. São Cristovão: Ed. UFS, 2012.
- MAYNARD, Andreza S. Cruz. **De Hollywood a Aracaju**: a Segunda Guerra Mundial por intermédio dos cinemas (1939-1945). Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em História e Sociedade. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Assis/SP, 2013.
- FORJAZ, Maria Cecília Spina. **Tenentismo e política**: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da Primeira República. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- REZENDE, Antonio Paulo. **Desencantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: FUNDARPE, 1997.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **O tenentismo**. Porto alegre: Mercado Aberto, 1985.